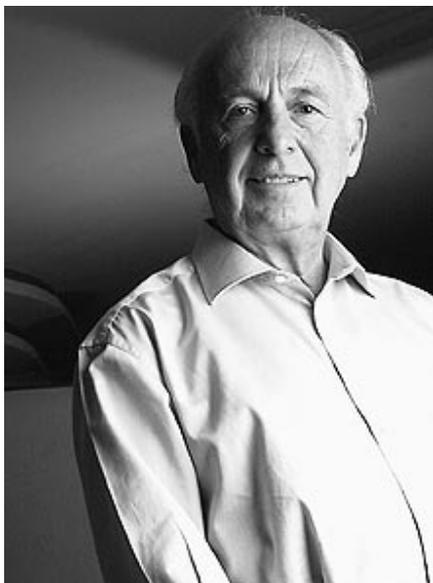


Bresser-Pereira diz que política monetária leva país à estagnação

Débora Guterman, De São Paulo

Foto: Marisa Cauduro/Valor



Bresser-Pereira: governo tem até março para mudar a política econômica

Ou o governo dá uma guinada na política monetária ou está condenando o país à estagnação. A mudança significa manter a taxa de juros reais baixa, em 3%, e a taxa de câmbio alta, em R\$ 3,50, em no máximo cinco meses. O alerta foi dado ontem pelo ex-ministro Luiz Carlos Bresser-Pereira durante lançamento de uma edição atualizada de seu livro "Desenvolvimento e Crise no Brasil" (Editora 34), publicado pela primeira vez em 1968.

A taxa Selic real está em 12,12% até setembro e, caso as projeções de mercado coletadas pelo Banco Central se confirmem, deve fechar este ano em 6,74%, com o dólar a R\$ 3,04. "Se o governo quiser mudar a política econômica, tem até março para fazer isso. Se não, esqueça [o crescimento] e a reeleição, porque a crise vai se agravar perto das eleições presidenciais".

Na sua avaliação, ao declarar recentemente que o sacrifício no caixa durará dezoito meses, o ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, mostrou que entende o ciclo político. Entretanto, "mesmo com o enorme arrocho no superávit primário, a taxa de juros escandalosa mantém o déficit público altíssimo", explicou, abusando dos adjetivos, Bresser-Pereira, professor da Fundação Getúlio Vargas. Além disso, o Banco Central não dá sinais de que pretende mudar a forma como intervém no

mercado cambial. Portanto, o país está longe de atingir o equilíbrio entre as contas externas e o consumo.

Ministro da Fazenda na gestão José Sarney e da Administração no governo Fernando Henrique Cardoso, Bresser-Pereira condenou o que chama de "populismo cambial", que se traduz em manutenção do câmbio valorizado. O governo tem resistido a valorizar o dólar porque os brasileiros não gostam. "Ao aumentar o câmbio, a chance de viajar para o exterior diminui".

Segundo o ex-ministro, o consumo pesa mais que a inflação na decisão sobre o patamar ideal das taxas de câmbio e de juros. Não é "razoável", diz, ter um câmbio tão volátil e uma taxa de juros elevada. Ele acredita que o câmbio tem que ficar relativamente estável, em um nível alto, por mais que gere inflação, e os juros reais em, no máximo, 3%. Para tanto, o país deveria recompor suas reservas, como fazem os países asiáticos.

"Com o argumento de controle da inflação, o governo perde o câmbio valorizado e os juros baixos e ganha estagnação e aumento da pobreza e da dívida externa". O custo da pressão inflacionária, diz, será passageiro. "O problema é a riqueza e dívida dos ricos".

Com o ajuste nos juros e no câmbio, o consumo, em princípio, vai diminuir, a poupança crescer, oportunidades para investimentos voltados à exportação serão criadas e, por fim, o emprego e os salários vão aumentar, enumera.